

que quero dizer. Tudo foi feito muito rápido e sem conhecimentos sólidos”. Três semanas mais tarde, confessou: “Se você soubesse como isso me enche o saco”. Noudelmann descreve ainda as condições materiais de escrita, que “beiram o burlesco”: para amenizar o intenso calor de Roma, ele se refugiava no banheiro do luxuoso hotel onde passava as férias com Simone de Beauvoir; como mesa, usava o bidê, e as obras de Marx repousavam sobre o assento da privada.

Na invasão soviética na Hungria, em 1956, Sartre rompeu com o Partido Comunista Francês (PCF) e denunciou a política da URSS no longo texto “O fantasma de Stálin”. Mas, em 1960, aceitou o convite do líder soviético, Nikita Khrushchev, para visitar o país, em viagens que se repetiram várias vezes ao ano até 1966. Um motivo pessoal, que passava longe do Kremlin, justificava seus deslocamentos, explica Noudelmann. Ocorre que Sartre organizava eventos e inventava pretextos para poder ir a Moscou com o objetivo de encontrar seu amor local, a tradutora russa Lena Zonina, impedida pelo regime de viajar livremente para o exterior.

Nas cartas que enviava a Zonina, censuradas pelos comunistas, Sartre exprimia sua admiração pelo país. Mas na correspondência clandestina que fazia chegar à amante por meio de amigos que viajavam para a URSS, admitia outras intenções. Em 1963, para poder trazê-la a Paris, ele propôs a seu amigo René Maheu, diretor-geral da Unesco, um projeto de diálogo Leste-Oeste. Em contrapartida, aceitou fazer uma conferência sobre o pensador dinamarquês Sören Kierkegaard na instituição. Sobre a iniciativa na Unesco, escreveu a Zonina: “É a primeira vez que colocarei os pés nesse bordel. Por sua causa, meu amor. Se as pessoas soubessem o que esta grande paixão pela confrontação de culturas esconde! Sabe que sem você nada disso aconteceria, que este encontro na Unesco não ocorreria? Você é a confrontação Leste-Oeste. Ou, melhor, o Oeste e o Leste se confrontam em nossa cama”.

Noudelmann não esconde a perplexidade com os meios utilizados pelo intelectual para transportar Lena à França. “Para alguém como eu, que leu seu texto sobre Kierkegaard e achou magnífico, é incrível perceber que, de fato, ele não tinha nenhuma vontade de fazer essa conferência. Era uma moeda de troca pa-

OZERSKIY MIKHAIL/SPUTNIK VIA AFP



ra ter uma justificativa para fazer vir sua amante russa à Unesco”, disse Noudelmann. “Isso não tira nada da qualidade do texto, mas se descobre um Sartre que se diverte e que vai enganar um pouco as pessoas — me faz sorrir saber que grandes eventos intelectuais podem ser motivados nos bastidores por razões um pouco libertinas.” Em uma de suas viagens à URSS, Sartre é solicitado a escrever sobre os kolkhozes (*fazendas coletivas*) e a vida rural soviética, um projeto depois abandonado. Aliviado, confessou a Michelle Vian: “Tanto melhor, fazia isso por consciência”. Em cartas a Lena Zonina, se queixava: “Eu me sinto cada vez mais como objeto passivo de exigências contraditórias”; “fiz coisas demais que não tinha o gosto de fazer (particularmente os artigos políticos, para os quais não tenho talento)”.

Sartre e Lena Zonina em Moscou, em 1955, durante uma das visitas feitas pelo intelectual ao regime soviético. Eventos foram pensados apenas para que ele pudesse viajar para ver a amante

EM CARTAS A SUA AMANTE RUSSA, LENA ZONINA, SARTRE SE QUEIXAVA: “EU ME SINTO CADA VEZ MAIS COMO OBJETO PASSIVO DE EXIGÊNCIAS CONTRADITÓRIAS”; “FIZ COISAS DE MAIS QUE NÃO TINHA O GOSTO DE FAZER (PARTICULARMENTE OS ARTIGOS POLÍTICOS, PARA OS QUAIS NÃO TENHO TALENTO)”

A descoberta mais surpreendente para Noudelmann se deu, no entanto, em relação ao polêmico e virulento prefácio de Sartre para a obra *Os condenados da terra*, do martinicano Frantz Fanon, pensador da descolonização e ardente defensor da independência da Argélia. Em 1961, Fanon viajou para a capital italiana para conhecer o filósofo que o inspirava. “Sartre está cansado, Fanon o obriga a discutir até tarde da noite e o culpa por estar passando belas férias em Roma enquanto há coisas terríveis acontecendo no mundo, principalmente na Argélia”, conta Noudelmann. “Ele tocou onde lhe faz mal, em seu eterno sentimento de culpa. Sartre se sente intimidado como um branco, europeu, burguês, privilegiado. E compensa com um texto que é um exagero de violência, quase um apelo ao assassinato (*dos colonos franceses*), mesmo juridicamente complicado, em um estilo por vezes vulgar.” A Michelle Vian, ele se justifica: “Escrever um prefácio me repugna ainda. Fiz a conta-gotas porque era preciso colocar violência, e a violência verbal me enoja um pouco: tanto fiz isso, tanto soltei gritos (não é meu natural, mas as circunstâncias me forçavam), que, no final, tenho vontade de sussurrar”.

Além da política, Noudelmann descobriu um Sartre poético, mais interessado em viagens contemplativas. “Há cartas em que ele descreve paisagens por mais de 30 páginas. Faz croquis, desenha. Escreve trechos maravilhosos sobre o céu, o amor. E fez, inclusive, uma viagem escondida com Arlette à Espanha, na época em que havia o boicote ao regime franquista!”, conta o autor, sem ocultar o espanto. Também há o Sartre “erotizado”, dado a experimentações de sensibilidades e sexualidades com suas diferentes companheiras. É sabido que, desde o início, o sexo foi praticamente excluído de sua relação com Simone de Beauvoir. Com suas amantes, no entanto, as missivas, segundo Noudelmann, eram tórridas: “Há cartas extremamente sensuais, com alusões muito precisas ao sexo. Revela uma

imagem diferente daquela que se guardou dele no casal com Beauvoir. Descreve cenas sexuais muito explícitas, as quais não me permiti colocar no livro”. Já ao ouvir os áudios das sessões musicais de Sartre e Arlette ao piano, tocando Chopin ou cantando músicas populares, ele diz ser possível “escutar a felicidade”: “É de uma leveza surpreendente. E ouvir Sartre cantando é de morrer de rir. Ele se diverte muito. Ele sentia culpa em ser feliz enquanto havia muitas pessoas sofrendo. Mas, neste momento, se sente que aceita a felicidade”.

Noudelmann aborda ainda o Sartre sombrio e angustiado, que chegou a pensar em suicídio e que misturava uísque com anfetamina, por vezes consumindo um tubo de Corydrane por dia para produzir seus textos. “Ele tinha comportamentos viciantes que podem parecer um pouco suicidas, que fazem parte de um mal-estar em relação a si mesmo. O uísque e as anfetaminas eram usados no início para dar energia para escrever. Depois, o uso se tornou crônico. Arlette me dizia que era preciso vigiá-lo todo o tempo, e às vezes encontrava uma garrafa escondida sob a cama.”

Para Noudelmann, o filósofo viveu em uma permanente tensão entre o “trovador e o intelectual revolucionário”, e seu livro é uma tentativa de “liberar Sartre do sartrismo”. “Tenho raiva por não ser poeta”, disse ele em uma de suas cartas. “Esse Sartre vai incomodar e chocar. Aqueles que o denunciam como um militante vão entender que ele não o era tanto assim. Já os que apoiam suas posições políticas vão dizer que, no fim das contas, ele não acreditava completamente no que dizia.”

Sartre se equilibrava em uma gangorra, ora puxado pelo romantismo de Stendhal, seu escritor modelo, ora pelo marxismo de seus combates políticos: “O Sartre que mostro é bem mais próximo de Stendhal que de Marx. Talvez, se tivesse deixado seu lado stendhaliano se expressar, teria escrito outras coisas. Seu desejo era esse”, concluiu Noudelmann.